

Recebido em abr. 2013

Aprovado em jul. 2013

**O MEDITAR COMO MERGULHO NO SILÊNCIO ABISSAL:
REFLEXÕES SOBRE O HABITAR E O CUIDAR NA CARTA
SOBRE O HUMANISMO DE HEIDEGGER**

Francisco Ramos Neves *

RESUMO

O presente artigo trata da questão do pensar em sua interação com o meditar e o habitar nos cuidados com o humano em sua consumação da plenitude do ser que se encontra em sua essência. A investigação parte da *Carta sobre o Humanismo* e recorre a outras obras importantes de Heidegger e de alguns importantes comentadores para esclarecer a discussão. O meditar em Heidegger assume um papel preponderante como abertura para o mistério e começo de tomada de uma posição de autenticidade na busca do sentido do ser do homem. Este tema está presente em muitas obras de Heidegger e falar sobre o meditar já é um desafio que nos remete ao pensamento introspectivo sobre sua importância em nossa própria vida. Se dedicar à meditação é como o filosofar que não se presta a qualquer utilidade prática. Neste meditar liberto o homem pode atender ao “apelo silencioso do ser,” para assim poder consumir o caminho que a linguagem lhe reserva, e evitar o seu desvio ao esquecimento desta tarefa de pensar a essência do seu Ser.

PALAVRAS-CHAVE

Pensar. Meditar. Habitar. Ser. Heidegger.

* Doutor em Filosofia (UFPE). Professor Adjunto de Filosofia da UERN.

NEVES, FRANCISCO RAMOS. **O MEDITAR COMO MERGULHO NO SILÊNCIO ABISSAL: REFLEXÕES SOBRE O HABITAR E O CUIDAR NA CARTA SOBRE O HUMANISMO DE HEIDEGGER.** P. 245-268.

ABSTRACT

This article deals with the question of thinking in its interaction with the meditate and dwell in the care with human in its consummation of the fullness of being that lies in their essence. The research part of the letter on humanism and resorts to other important works of Heidegger and some important commentators to clarify the discussion. The meditate in Heidegger assumes a leading role as opening to the mystery and the beginning of taking a position of authenticity in the search of the meaning of man's being. This theme is present in many works of Heidegger and talk about the meditate is already a challenge that brings us to the introspective thought about their importance in our own life. Devote to meditation is like the philosophizing that does not lend itself to any practical use. In this meditate freed the man can attend to the "silent appeal of being," in order to consummate the way that the language you recently, and avoid their diversion to oblivion for this task to think the essence of your being.

KEYWORDS

Think. Meditate. Dwell. Being. Heidegger.

A carta sobre o humanismo é escrita por Heidegger no ano de 1946, como carta aberta a Jean Beaufret, “mais importante apóstolo de Heidegger no cenário filosófico do pós-guerra.”¹ Safranski que, nesta obra considerada por muitos como a melhor biografia de Heidegger, relata momentos de sua vida e obra com uma impressionante riqueza de detalhes descreve da seguinte forma a aproximação de Heidegger a Jean Beaufret, o que motivou a famosa Carta.

Quando os franceses entraram em Freiburg, Beaufret mandou uma carta arretada a Heidegger através de um oficial. ‘Sim, com o senhor é a própria filosofia que se liberta, determinada, de qualquer trivialidade, e se reveste do essencial a sua dignidade’. Depois disso Heidegger convidou Beaufret para uma visita. Esta se realizou em setembro de 1946, e com ela começou a intensa amizade de vida inteira entre os dois. A primeira consequência dessa relação nova foi o texto *Sobre o Humanismo*. Beaufret perguntara a Heidegger: ‘de que maneira se pode devolver sentido à palavra humanismo?’.²

Segundo Safranski Heidegger aceitou bem a questão, pois aproveitou para responder indiretamente ao ensaio de Sartre “O existencialismo é um humanismo”, escrito meses antes. Essa Carta representa para muitos comentadores como parte de uma virada em seu pensamento, que se inicia em 1930, com o texto “Sobre a essência da verdade”, marcando o que poderia

¹ SAFRANSKI, Rüdiger. *Heidegger - um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*. 2. ed. São Paulo: Geração, 2005, p. 416.

² SAFRANSKI, Rüdiger, Op. Cit., p. 416.

chamar a fase do segundo Heidegger. Por isso Safranski afirma que neste texto sobre o humanismo “já está presente toda a filosofia heideggeriana tardia”³. Mesmo em um mundo em guerra, Heidegger se recolhe de seu estar dentro de um destes postos questionáveis dos arautos de uma sangrenta era para dialogar sobre o humanismo. Mundo em guerra, pois, mesmo no final visível de uma de suas destruidoras batalhas, a segunda grande guerra mundial, percebe-se que em nosso tempo presente as guerras não deixam de existir. Será que o existir das guerras é uma característica do humano? *Ek-sistir* etimologicamente e literalmente como um estar fora do que seja o humano em essência para um insistire, para um estar dentro nesta mesma condição como um constante paradoxo, que não encontra respostas no universo de uma pretensa racionalidade da metafísica da tradição, nos obrigando ao meditar sonoro do silêncio.

O meditar em Heidegger assume um papel preponderante como abertura para o mistério e começo de tomada de uma posição de autenticidade na busca do sentido do ser do homem. Este tema está presente em muitas obras de Heidegger e falar sobre o meditar já é um desafio que nos remete ao pensamento introspectivo sobre sua importância em nossa própria vida. Se dedicar à meditação é como o filosofar que não se presta a qualquer utilidade prática. O prático aqui se refere ao útil para o imediatismo instrumental da vida cotidiana. Neste sentido, para Heidegger,

[...] meditar significa despertar o sentido para o inútil. Num mundo para o qual não vale senão o

³ Idem, p. 426.

imediatamente útil e que não procura mais que o crescimento das necessidades e do consumo, uma referência ao inútil fala sem dúvida, num primeiro momento, no vazio. ⁴

A filosofia já foi e ainda é muito questionada em sua finalidade para o mercado das profissões exigidas para a sociedade de consumo capitalista. Por muitas vezes foi e ainda é, por vezes, considerada uma disciplina, ou uma área de formação inútil. Muitos até proclamam que se dedicar à filosofia não resulta em nenhuma vantagem lucrativa. Pois que assim seja; que a filosofia em contraposição aos instrumentos mecânicos frutos do pensamento calculador seja proclamada inútil. Esperar da filosofia uma atitude idêntica à das ciências práticas é, segundo Heidegger, incorrer em uma interpretação técnica do pensar, o que levou a uma catastrófica deformação cientificista da filosofia. Como tentou o positivismo no Séc. XIX ao tentar submeter a filosofia ao espírito científico, “sem perceber que nas ciências ela só podia perder-se ou despencar” ⁵. Portanto, quem deseja o contrário para a filosofia age pelo senso comum buscando às cegas uma utilidade prática e instrumental para a filosofia e não entende onde reside o vigor do filosofar. Quando não se percebe, com esta visão comum ao vulgo, o vigor do filosofar, também não se percebe e não se compreende a profundidade abissal e silenciosa do meditar.

⁴ HEIDEGGER, Martin. *Língua da tradição e língua técnica*. Lisboa: Vega, 1995, p. 09.

⁵ SAFRANSKI, Rüdiger, Op. Cit., p. 427.

Um sociólogo americano reconhecido, David Riesman, em *A multidão solitária*, verifica que na sociedade industrial moderna o potencial de consumo deve, para assegurar o seu fundo (*Bestand*), tomar a dianteira sobre o potencial de tratamento das matérias-primas e sobre o potencial de trabalho. Contudo, as necessidades definem-se a partir daquilo que é tido por imediatamente útil. Que deve e que pode ainda o inútil face à preponderância do utilizável? Inútil, de maneira que nada de imediatamente prático pode ser feito, tal é o sentido das coisas.⁶

Como no provérbio “a árvore inútil”, texto retirado dos escritos do velho pensador chinês Tchouang-Tseu, um discípulo de LaoTseu, que trata de uma árvore que de tanto ser imprestável ao consumo do mercado não é de interesse instrumental de nenhum marceneiro; mas pode ser fundamental para a meditação e o descanso do recolhimento sob sua vasta sombra para o meditar despreocupado com os resultados, mas apenas com o abrigo do puro pensar em liberdade. Só se percebe esta valiosa condição da árvore inútil com o meditar, com o mergulho silencioso na busca do seu sentido, o que não foi alcançado pelo interlocutor de Tchouang-Tseu, que questionou sobre a utilidade da árvore comparando-a com a inutilidade do mestre que não era tão popular com seus pensamentos.

O meditar como mergulho no silêncio abissal requer um pensar em liberdade. Pensar em liberdade conduz o homem que medita ao seu interior sem uma obrigação de atender aos imediatismos da vida técnica voltada para a produção de resultados práticos. Neste

⁶ HEIDEGGER, Martin, Op. cit., p. 09.

meditar liberto o homem pode atender ao “apelo silencioso do ser,” para assim poder consumir o caminho que a linguagem lhe reserva, e evitar o seu desvio ao esquecimento desta tarefa de pensar a essência do seu Ser. Assim, no inútil reside um sentido.

É por isso que a meditação que se aproxima do inútil não projeta qualquer utilização prática, e, portanto, o sentido das coisas é que se afigura como mais necessário. Porque se o sentido faltasse, o próprio útil ficaria desprovido de significação e, por conseguinte, não seria útil.⁷

Como na meditação que divaga distanciando do mundo prático, para voltar-se a ele como apropriação, há na inutilidade do meditar uma grande riqueza que se projeta com o pensar despreocupado com as imposições dos padrões institucionalizados de tempo, espaço, resultados e metas que renunciam ao pensar como atividade que exige duração. Enquanto o agir movido pela utilidade nos exige resultados que sirvam para nos adaptar a uma mecânica usual no modo de construirmos nossa experiência existencial, o agir “meditante” do inútil nos remete a uma outra experiência apropriadora da nossa verdadeira essência. O inútil segue suas próprias regras, que dão sentido ao que lhe é pertinente. As medidas do que é útil seguem outras regras e modos de agir, onde a meditação e o pensamento não encontram guarida. Os modos de produção do mundo fabril, que anseiam por resultados enquadrados em uma medida compartimentalizada por regras renunciam ao pensar.

⁷ Idem, p. 10.

Eles ajudam a compreender que não é necessário preocupar-se com o inútil. O intangível e o durável assim também são pela sua inutilidade. Também é cometer um contrassenso aplicar ao inútil à medida da utilidade. O inútil tem a sua grandeza própria e o seu poder determinante na sua maneira de ser: com ele nada se pode fazer. É desta maneira que é inútil o sentido das coisas.⁸

Pela meditação o homem percebe e atende ao apelo para o pensar como cuidado de si. Cuidar de si exige do homem uma *com-centração*, um estar centrado e atento ao que o conduz à sua essência. Neste apelo ao homem reside um empenho e uma solicitude do homem para o pensar e o construir seu caminho de encontro a si mesmo como ser-no-mundo com outros. O caminho para o ser do homem como ser livre para o pensar sobre si mesmo, livre dos determinismos do tecnicismo mutilante do cientificismo. Assim, nada mais humano para o humanismo do que o homem ser livre para sua própria humanidade. Não há humanidade “se o ser do ente já está fixado”⁹ e se de antemão está metafisicamente determinado. Este caminho implica no resgate da compreensão de sua essência como ser humano, que vive em um mundo onde a tecnicização das relações tendem a substituir sua condição humana, a partir da impetração de um pensar calculador da *ratio*¹⁰, que representa uma tentativa de controle total

⁸ Idem, pp. 11-12.

⁹ HAAR, Michel. *Heidegger e a essência do homem*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990, p. 192.

¹⁰ HEIDEGGER, Martin. A essência da linguagem. In: _____. *A caminho da linguagem*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 133.

sobre as pessoas e sobre o pensar criativo e poético. Para Heidegger, o pensamento e a poesia precisam habitar o mesmo universo em uma vizinhança integradora, mesmo que isso possa soar estranho e parecer suspeito para a tradição do pensar calculador racionalista.

Qual o campo em que essa vizinhança tem seu âmbito próprio, isso a poesia e o pensamento terão de definir cada um a seu modo, não obstante ambos se encontrarem no mesmo âmbito. Como há séculos nos alimentamos do preconceito de que o pensamento é coisa da *ratio*, ou seja, do cálculo em sentido amplo, falar sobre a vizinhança de pensamento e poesia parece sempre muito suspeito.¹¹

A aproximação da arte poética ao pensar eleva a qualidade do pensamento ao patamar do puramente humano, que é o âmbito do ser livre. A técnica afasta o homem dessa condição de liberdade por submetê-lo aos artificios do método científico e mecânico no pensamento calculador. No meditar, como o cuidar do humano, ele pode resgatar esta condição. Portanto, meditar é pensar o humano e voltar-se para o que seja verdadeiramente humano, retirando isto do esquecimento.

Para onde se dirige o ‘cuidado’, senão no sentido de reconduzir o homem novamente para sua essência? Que outra coisa significa isto, a não ser que o homem (*homo*) se torne humano (*humanus*)? Deste modo então, contudo, com a *humanitas* permanece a preocupação de um tal pensar; pois humanismo é isto: meditar, e cuidar para que o homem seja

¹¹ HEIDEGGER, Martin, Op. Cit. p. 133.

humano e não desumano, inumano. Isto é, situado fora de sua essência. Entretanto, em que consiste a humanidade do homem? Ela repousa em sua essência.¹²

Para Heidegger este pensar deve se desvincular e se libertar de sua interpretação técnica, que remonta a Platão e Aristóteles, onde o pensar é visto como *tékhne*, como fazer prático. Então surge uma questão fundamental: “O que fazemos quando pensamos?” Safranski responde que pensar se relaciona com agir, mas é, “ele mesmo, algo diferente.”¹³ É algo que se difere radicalmente do fazer prático imediatista das ciências, ele não aspira a uma utilidade prática. Safranski diz que o pensar em Heidegger é desse tipo: Ele “não conduz a um saber como as ciências, não traz nenhuma sabedoria útil de vida, não resolve enigmas do mundo, não confere forças para agir.”¹⁴ Com isso não se nega a importância do pensar, mas o redimensiona a um patamar de superioridade em relação ao saber utilitário do fazer prático e imediato. O pensar além disso, pela linguagem do silêncio, proporciona a saída do ente de seu fechamento, possibilita o desvelamento do ser.

O agir do pensar é, assim, um agir interior, um agir meditativo como um pensar-o-ser em sua proximidade, o que se assemelha ao que Nietzsche chamou de “momento de verdadeira percepção”.¹⁵ O pensar invocado por Heidegger assume o sentido de uma

¹² HEIDEGGER, Martin. Sobre o “humanismo”: carta a Jean Beaufret. In: _____. *Conferências e escritos filosóficos*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores), p. 152.

¹³ SAFRANSKI, Rüdiger, Op. Cit., p. 413.

¹⁴ Idem, p. 413.

¹⁵ Idem, p. 429.

práxis e poiésis, um modo transformado de estar no mundo. Desafiando o próprio temor que a filosofia enfrenta em não seguir os rumos das Ciências, o pensar para Heidegger “não é teórico nem prático. Ele acontece antes dessa distinção.”¹⁶ Neste sentido, o empenho em seguir os rumos das Ciências seria um “abandono da essência do pensar.”¹⁷

Desta forma, o pensamento aqui tratado não se reduz ao pensar técnico das Ciências, mas se amplia a um buscar aproximar o homem à sua essência humana. Com isto Heidegger, em tempos de pós-guerra, que ainda fazia pairar pelo ar o cheiro de morte e negação do humano, pensa no resgate do humanismo que parecia perdido, devido às atrocidades da guerra que ele viveu de perto. “Peter Sloterdijk também se debruça sobre o problema e estabelece uma análise crítica ao que se acostumou denominar humanismo na história desde os antigos, principalmente entre os romanos, enfatizando que eles o definiam como contraponto ao inumano. Isto porque, para eles, o humanismo “constitui o empenho para retirar o ser humano da barbárie¹⁸.” No entanto, o fenômeno do humanismo, que apesar de abrigar uma contínua batalha pelo ser humano em uma constante disputa entre tendências bestializadoras e domesticadoras, é uma tendência, que em sua essência representa uma tentativa em prol do “desembrutecimento do ser humano.”¹⁹

¹⁶ Idem, p. 429.

¹⁷ HEIDEGGER, Martin, Op. cit., p. 150.

¹⁸ SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. São Paulo: Estação liberdade, 2000, p. 16.

¹⁹ SLOTERDIJK, Peter, Op. Cit., p. 17.

Nesta situação o pensar encontra seu vigor em escutar o apelo para o resgate do humano como aproximação de sua essência, e isto é o princípio do humanismo, visto que, o “humanismo pensa a humanidade do homem desde a proximidade do ser.”²⁰ Mas, ante esta afirmação surge a seguinte questão para o pensar: “Mas de onde e como se determina a essência do homem?”²¹

A resposta a esta questão se encontra na compreensão do vigor da linguagem, que, por seu apelo, nos mostra o acesso à essência do homem, e a de qualquer outra coisa. Como nos diz Heidegger, “a linguagem é ela mesma o apelo mais elevado e, por toda parte, o apelo primordial. É a linguagem que, primeiro e em última instância, nos acena a essência de uma coisa.”²² Neste sentido, a acesso à essência do homem pela linguagem só acontece quando ficamos atentos e vigilantes ao “vigor próprio da linguagem”.²³ Quando esta atenção não acontece surge o falatório sem fim e o homem, de uma forma inadequada, se achando senhor da linguagem, não percebe que se afasta da essência da linguagem, com seu assenhramento sobre o próprio homem e se afasta da essência de si mesmo, sendo impelido a um estranhamento. Desta forma, em sua dimensão radical a linguagem é o dizer do ser do homem. “O ser-homem é,

²⁰ HEIDEGGER, Martin. Sobre o “humanismo”: carta a Jean Beaufret. In: _____. *Conferências e escritos filosóficos*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores), p. 164.

²¹ HEIDEGGER, Martin, Op. cit. p. 152.

²² HEIDEGGER, Martin. “... Poeticamente o homem habita...” In: _____. *Ensaio e conferências*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 168.

²³ HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: _____. *Ensaio e conferências*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 126.

assim, inseparável da linguagem, pois, na medida em que vela pela revelação do ser”²⁴.

Portanto, antes o recolhimento do homem no silêncio que diz mais que qualquer falatório. Sem o cuidado com o dizer, o homem comete o erro de reduzir a compreensão da linguagem a um mero instrumento, como meio de expressão.²⁵ Não percebendo o verdadeiro vigor da linguagem, seremos afastados da compreensão do seu potencial revelador que nos possibilita o acesso à essência do homem.²⁶ Neste sentido, só a linguagem nos garante o acesso à essência do ser e o pensar é a consumação desta “*essenciação*” em sua plenitude.

O pensar como “*essenciação*” do ser também implica em um agir edificante como consumação. Assim, de acordo com Heidegger, “a essência do agir é o consumir. Consumar significa: desdobrar alguma coisa até a plenitude de sua essência.”²⁷ O pensar não é a produção da relação do ser com a essência do homem; pensar consoma esta relação como o que está dado desde a origem. Portanto, o pensar tem como fundamental papel o engajamento na tarefa de consumir o desenvolvimento do Ser pelo Ser à essência

²⁴ OLIVEIRA, Manfredo A. Martin Heidegger: pragmática existencial. In: _____. *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 222.

²⁵ HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: _____. *Ensaio e conferências*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 126.

²⁶ HEIDEGGER, Martin, Op cit., p. 126.

²⁷ HEIDEGGER, Martin. Sobre o “humanismo”: carta a Jean Beaufret. In: _____. *Conferências e escritos filosóficos*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores), p. 149.

do ente humano. A essência do ser está na linguagem a qual é ofertada pelo pensar. Desta forma, no dizer de Heidegger, “o pensar apenas oferece-a ao ser, como aquilo que a ele próprio foi confiado pelo ser. Esta oferta consiste no fato de, no pensar, o ser ter acesso à linguagem.”²⁸

No caminho deste pensar, o ser se oferece à linguagem para nela encontrar sua morada, e encontrar a essência de sua condição humana neste habitar. De acordo com Oliveira “É só a partir da linguagem que o homem tem propriamente o mundo, onde todas as coisas podem encontrar seu lugar”²⁹ (OLIVEIRA, 2001, p. 222).

Por isto Heidegger vai afirmar em muitos dos seus escritos, que a linguagem é a morada do ser. “O caminho é um caminho do pensamento. Todo caminho de pensamento passa, de maneira mais ou menos perceptível e de modo extraordinário, pela linguagem”.³⁰ O pensar é um dizer poético que, apesar de não se enquadrar na atividade prática do útil exigido pelo mercado dos produtos das Ciências, mostra o caminho para a *essencialização* do ente humano. “A linguagem é a casa do ser; nela morando, o homem *ek-siste* enquanto pertence à verdade do ser, protegendo-a.”³¹

Assim, o pensar realiza o recolhimento da linguagem na proximidade de um dizer que a marca

²⁸ HEIDEGGER, Martin, Op. cit. p. 149.

²⁹ OLIVEIRA, Manfredo A., Op. Cit., p. 222.

³⁰ HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. In: _____. *Ensaio e conferências*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 11.

³¹ HEIDEGGER, Martin. Sobre o “humanismo”: carta a Jean Beaufret. In: _____. *Conferências e escritos filosóficos*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores), p. 159.

com ranhuras quase imperceptíveis, como um desvelar que marca a terra por onde o ser lançado no mundo passa em seu habitar poético. “A linguagem é assim a linguagem do ser, como as nuvens são as nuvens do céu. Com seu dizer, o pensar abre sulcos invisíveis na linguagem. Eles são mais invisíveis que os sulcos que o camponês, a passo lento, traça pelo campo.”³²

Neste projeto heideggeriano de ruptura com a interpretação técnica do pensar, a partir da assunção do pensar poético, que é também uma ruptura desconstrutiva do ponto de vista da tradição, o ser é reconduzido à sua essência. Portanto, a atividade do pensar como o pensar do ser, pertence e é apropriado pelo ser escutando o próprio ser. Escutar o ser é reconhecer o ser em sua origem essencial.³³

Para Heidegger, o homem só desdobra seu ser em essência quando recebe e escuta o apelo do ser. E na intimidade deste apelo, o pensar consoma que o homem está postado na clareira (*Lichtung*) do ser como *ek-sistência*, o que é próprio à sua condição de ser humano. “A *ek-sistência* somente deixa-se dizer a partir da essência do homem, isto é, somente a partir do modo humano de ‘ser’”³⁴. Por isto, podemos afirmar com Heidegger que a “essência do ser-aí reside em sua existência”³⁵. O *Dasein* como clareira do ser nos mostra em seu desvelamento (*Unverborgenheit*), em seu

³² HEIDEGGER, Martin, Op. cit., p. 175.

³³ Idem, p. 150.

³⁴ Idem, p. 154.

³⁵ Idem, p. 155.

aparecer, a essência do ser. Isto é, o *Dasein* é o traço fundamental da “in-sistência ek-stática” da verdade do ser, que não se evidencia em sua essência, mas apenas em seu sentido geral, como representação. É pelo ente que se dá esta representação do ser. “Mas o ser justamente não ‘é’ o ‘ente’ [...] o ser é representado com demasiada facilidade como um ‘ente’, ao modo do ente conhecido.”³⁶

“Como ek-sistente o homem sustenta o ser-ai, enquanto toma sob seu ‘cuidado’ o aí enquanto a clareira do ser”.³⁷ Como clareira (*Lichtung*) do ser, o *Dasein*, desde o projeto de ‘Ser e Tempo’, é o ser-no-mundo, objeto e sujeito na abordagem estabelecida pela “analítica existencial”. Objeto, pois, a partir da analítica existencial do *Dasein* como objeto, pode-se chegar à compreensão do sentido do ser em geral. E sujeito por não ser descartado de ser colocado como começo existencial na abordagem de busca de sua essência como primado ôntico para compreensão ontológica do seu ser.

De acordo com Ernildo Stein, para se pensar a estrutura e o sentido do ser-aí, é “necessária uma explicação ontológica”³⁸ de sua constituição, derivando daí as bases para uma ontologia fundamental como nome dado à “analítica existencial do ser-aí,”³⁹ como horizonte norteador do qual qualquer questão de ordem ontológica deveria partir, mediada pelo método

³⁶ Idem, p. 160.

³⁷ Idem, p. 156.

³⁸ STEIN, Ernildo. *Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2001, p. 186.

³⁹ STEIN, Ernildo, Op. Cit., p. 187.

fenomenológico.⁴⁰ A partir dessa explicação ontológica compreendemos que na ek-sistência do ser-aí está presente a ideia do ser em geral. Assim, na analítica existencial do ser-aí podemos vislumbrar uma antecipação da compreensão do ser.

Neste sentido, Heidegger, como em ‘Ser e Tempo’ afirma, na carta sobre o humanismo, que, para atingirmos

[...] a dimensão da verdade do ser a fim de poder meditá-la, devemos primeiro tornar, de uma vez, bem claro como o ser se dirige ao homem e como o requisita. Tal experiência essencial nos será dada, se compreendermos que o homem é enquanto ek-siste.⁴¹

Assim, Heidegger enfatiza que a “ek-sistência do homem é sua substância”⁴², mas tomando o conceito de substância em um sentido histórico fenomenológico de uma ontologia da presença. “O modo como o homem se apresenta em sua própria essência ao ser é a ek-stática in-sistência na verdade do ser”⁴³. O homem como *ek-sistente* cuida e “é o pastor do ser”⁴⁴, visto que passa

⁴⁰ Segundo Stein essa discussão atesta uma continuidade entre o primeiro e o segundo Heidegger. Para ele, “o método fenomenológico heideggeriano, desde o esboço provisório em *Ser e Tempo*, coincide com o próprio movimento da interrogação do homem pelo sentido do ser. Dessa coincidência resultará, mais tarde, a expressão ‘pensamento essencial’, que designará o pensamento do ser. Aqueles que negam a continuidade latente do método fenomenológico no segundo Heidegger confundem-no com sua dimensão hermenêutica.” STEIN, Ernildo, Op. Cit., p. 202.

⁴¹ Idem, p. 157.

⁴² Idem, p. 157.

⁴³ Idem, p. 157.

⁴⁴ Idem, p. 158 e 163.

pelo homem enquanto ente a ‘*mostração*’ do ser. O homem é o ente que, como clareira do ser, pelo pensar, possibilita a abertura para compreensão de sua essência que se dá na temporalidade da existência, como “ser dado” (*Gegebensein*). “A ‘questão do ser’ permanece sempre a questão do ente”.⁴⁵ Mas esta verdade essencial não é clara para a tradição metafísica que desde sempre se descuidou de uma fundamental tarefa, o que resultou em um flagrante esquecimento do ser (*Seinsvergessenheit*), permanecendo assim, a verdade do ser, oculta para sua compreensão. Embora o ser seja o mais próximo para o homem, torna-se o mais distante quando se procura seu fundamento em princípios formais outros que não fazem parte de sua existência. “A essência da ek-sistência é existencial ek-staticamente a partir da essência da verdade do ser.”⁴⁶

Por fim, chegamos à conclusão que “A carta sobre o humanismo” de Heidegger é uma obra que dialoga com todos os seus escritos anteriores e antecipa tudo que escreve depois em diversas outras obras. A procura do que seja o humano, Heidegger afirma que o humanismo está na *essenciação* do homem, que habita em seu modo de ser no seu “recolher-se no acontecimento apropriador”⁴⁷ (*Ereignis*). Este recolhimento passa pelo pensar a condição do homem com um *ser-aí* (*da-sein*) que se lança em busca de sua essência. Além de um Ser-no-mundo (*In-der-Welt-sein*), que significa que o *Dasein* “não se defronta com o mundo, mas sempre já

⁴⁵ Idem, p. 158.

⁴⁶ Idem, p. 159.

⁴⁷ HEIDEGGER, Martin. A linguagem. In: _____. *A caminho da linguagem*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 08.

se encontra diante dele”⁴⁸, falamos aqui de um Ser-com-outros (*Mit-sein-mit-anderen*) que se encontra sempre em situações comuns com outros, e que é um Ser-adiante-de-si (*Sich-vorweg-sein*), onde “o *da-sein* não olha eventualmente do ponto-de-vista do agora, mas olha para o futuro constantemente providenciando (*besorgend*)”⁴⁹ sua *essenciação*. Nesse processo é pela linguagem que se mostra o caminho de sua *essenciação* a partir da compreensão do sentido do ser em geral. “O ser chega, iluminando-se, à linguagem. Ele está constantemente a caminho para ela.”⁵⁰ Na verdade o ser está a caminho da linguagem, mas, na e com a própria linguagem; visto que, a linguagem é a casa do ser. Nesta habitação do ser mora o homem. Para Heidegger, em especial, os pensadores e os poetas são os guardas desta habitação.⁵¹

Como humanismo é pensar a humanidade do homem no sentido de estar próximo do ser, desta forma, o homem habita o mundo como vizinho do ser. Nesta vizinhança ele se assemelha como réplica do ser, pois ele é, “em sua essência ontológico-histórica, o ente cujo ser como ek-sistência consiste no fato de morar na vizinhança do ser.”⁵²

Desta forma, o pensar como um mostrar é fundamental para dizer a essência do ser como

⁴⁸ SAFRANSKI, Rüdiger, Op. Cit., p. 195.

⁴⁹ Idem, p. 195.

⁵⁰ HEIDEGGER, Martin. Sobre o “humanismo”: carta a Jean Beaufret. In: _____. *Conferências e escritos filosóficos*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores), p. 174.

⁵¹ HEIDEGGER, Martin, Op. Cit., p. 149.

⁵² Idem, p. 164.

consumação, pois, “a ek-sistência habita, pensando, a casa do ser.”⁵³ O habitar é um dizer pensante que em seu construir e agir invisível marca a terra por onde passa e se desvela o ser em sua essência. “Construir significa originariamente habitar.”⁵⁴ Neste processo do construir-habitar o homem se essencializa, torna-se ser, pois, o “homem é à medida que habita.”⁵⁵ Construimos na medida que habitamos. Isto remonta, segundo Heidegger, à palavra antiga *bauen* (construir) da qual deriva a palavra *bin* (sou), diz também proteger e cultivar, a saber, cultivar o campo, cultivar a vinha; somos e estamos sobre a terra. O habitar é o marco que caracteriza fundamentalmente o ser do ente humano. Assim, pensar e habitar, nessa concepção heideggeriana de desvelamento do ser em sua essência, se encontram na linguagem; pois, ao mesmo tempo que o ser habita a linguagem como sua morada e o pensar abre sulcos invisíveis na linguagem, da mesma forma, “o pensamento abre sulcos no agro do ser,”⁵⁶ desvelando-o.

Infelizmente o sentido próprio de construir, habitar, lamenta Heidegger, cai no esquecimento. E deseja que a linguagem logo retome o significado próprio e originário da palavra *bauen* (construir) e sair do esquecimento que não emudece o seu apelo. “O apelo apenas silencia. O homem não presta atenção a este silêncio.”⁵⁷

⁵³ Idem, p. 174.

⁵⁴ HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: _____. *Ensaaios e conferências*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 127.

⁵⁵ HEIDEGGER, Martin, Op. Cit., p. 127.

⁵⁶ HEIDEGGER, Martin. A essência da linguagem. In: _____. *A caminho da linguagem*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 133.

⁵⁷ HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: _____. *Ensaaios e conferências*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 128.

O apelo nos convida a pensar o humano e ao construir de sua essência habitando poeticamente a terra, o que coloca ao homem a precípua tarefa de desconstruir e romper com o pensa calculador da técnica; pois, conforme afirma Heidegger, “a técnica afasta cada vez mais o ser humano da terra e o desenraiza.”⁵⁸ Este desenraizamento é um estar distante do próprio homem, pois, como bom leitor do marxismo, Heidegger invoca o princípio do conceito de radical como um ir à raiz do problema e a raiz é o próprio homem. E como toda raiz se encontra encravada na terra, cultivar o humano é como cultivar a terra.

Nesse sentido, cultivar o humano representa uma radical atitude diante do perigo que nos ameaça com os atos desumanos que aterroriza o mundo. Cultivar e edificar correspondendo a construir não é se submeter ou se assenhorar da terra, mas é estar em um comum pertencer com ela. E neste habitar, como construir, os homens devem se assumir como mortais em um múltiplo pertencimento, assumindo e preservando a terra, recolhendo-se meditativamente no aprendizado da contemplação do céu, na captação das mensagens divinas dos deuses e na auto compreensão de que são os únicos seres que possuem a capacidade de conceberem a própria “morte como morte”.⁵⁹ Assim, o homem nesta quadratura se encontra com a verdade de sua essência. Onde “a essência de construir é deixar-habitar”.⁶⁰ Pois só

⁵⁸ HEIDEGGER apud SAFRANSKI, Rüdiger, Op. Cit., p. 487.

⁵⁹ HEIDEGGER, Martin, Op. Cit., p. 130.

⁶⁰ Idem, p. 139.

construímos quando somos capazes de habitar. “Construir e pensar são, cada um a seu modo, indispensáveis para o habitar.”⁶¹ Mas, sem se isolarem entre si, os dois devem se fazer presentes ao mesmo tempo.

A salvação da humanidade está neste resguardo do habitar como construir que age no sentido do amanhã da paz. “A palavra *Friede* (paz) significa o livre, Freie, Frye, e fry diz: preservado do dano e da ameaça, preservado de..., ou seja, resguardado. Libertar-se significa propriamente resguardar.”⁶² Resguardar não significa neutralidade e passividade, mas uma ação vigorosa de libertar-se para estar resguardado na paz de um abrigo. “O traço fundamental do habitar é este resguardo”⁶³

Portanto, a essência da verdade do humanismo é este resgate do humano como capacidade de construir e mover a história rumo ao seu sentido mais próprio, como a casa do ser que o abriga e o tranquiliza em uma paz duradoura.

⁶¹ Idem, p. 140.

⁶² Idem, p. 129.

⁶³ Idem, p. 129.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HAAR, Michel. *Heidegger e a essência do homem*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

HEIDEGGER, Martin. A essência da linguagem. In: _____. *A caminho da linguagem*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. A linguagem. In: _____. *A caminho da linguagem*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. A linguagem na poesia: uma colocação a partir da poesia de Georg Trakl. In: _____. *A caminho da linguagem*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. A questão da técnica. In: _____. **Ensaaios e conferências**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. Construir, habitar, pensar. In: _____. *Ensaaios e conferências*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. De uma conversa sobre a linguagem entre um japonês e um pensador. In: _____. *A caminho da linguagem*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. *Língua da tradição e língua técnica*. Lisboa: Vega, 1995.

_____. O caminho para a linguagem. In: _____. *A caminho da linguagem*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. “... Poeticamente o homem habita...” In: _____. *Ensaaios e conferências*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. Sobre o “humanismo”: carta a Jean Beaufret. In: _____. *Conferências e escritos filosóficos*. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores).

OLIVEIRA, Manfredo A. Martin Heidegger: pragmática existencial. In: _____. *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 2001.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Heidegger - um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*. 2. ed. São Paulo: Geração, 2005.

SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. São Paulo: Estação liberdade, 2000.

STEIN, Ernildo. *Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2001.